

O BRILHO INUTIL DAS ESTRELAS

Rapsódia para 13 atores

de

Gabriela Rabelo

Maria Helena Grembecki

José Rubens Siqueira

São Paulo, fevereiro 1989/março 1990

Em memória de Dona Maria de Lourdes de Andrade Camargo.

Agradecemos a Lenira Covizzi, Gilda e Antonio Cândido de Mello e Souza

e

aos nossos filhos que,
durante a longa elaboração desta peça,
conviveram com a presença dominante de
Mário de Andrade.

Esta peça foi escrita com a ajuda de uma bolsa da
Fundação Vitae de Artes,
sem a qual jamais teríamos podido
nos dedicar a uma pesquisa tão extensa.

PERSONAGENS

por ordem de entrada em cena

Mário de Andrade
Tana
Repórter
Macunaíma
Manuel Bandeira
Augusto Meyer
Alvaro Lins
Carlos Drummond de Andrade
Alceu de Amoroso Lima
Pai (de Mário)
Mãe (de Mário)
Homem 1
Homem 2
Homem 3
Portuga
Maanape
Jigüê
Macaco Mono
Tia Velha
Maria/Ci
Padre 1
Jovem Mário
Moça 1

Moça 2

Jovem 1

Jovem 2

Jovem 3

Frederico Paciência

Padre 2

Mãe (de Maria)

Lourdes (irmã de Mário)

Tia Nhãnhã (tia de Mário)

Carlos (irmão de Mário)

Trovão forte e prolongado ao longe.

As luzes da platéia oscilam e se apagam.

No escuro, a chuva cai.

Por trás de uma cortina transparente, acende-se lentamente um grande ciclorama com a paisagem imensa do "skyline" de São Paulo de hoje.

A cortina transparente vai se abrindo, enquanto se ouve a voz de Mário sobre a chuva, logo depois do trovão.

MARIO- São Paulo! comoção de minha vida...
Arlequinal! Traje de losangos... cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Minha Londres das neblinas...
Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas.
Há neves de perfumes no ar.
Faz frio, muito frio...
O vento é como uma navalha
Nas mãos dum espanhol.
Há duas horas queimou sol.
Daqui a duas horas queima sol.
Meu coração sente-se muito triste...
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas
Dialoga um lamento com o vento...
Meu coração sente-se muito alegre!
Este friozinho arrebitado
Dá uma vontade de sorrir!

Alturas da Avenida. Bonde 3.
Asfaltos. Vastos, altos repuxos de poeira
Sob o sol arlequinal do céu ouro-rosa-verde...
As sujidades implexas do urbanismo.
Passa galhardo um filho de imigrante
Louramente domando um automóvel!
Um mulato cor de ouro,
Com uma cabeleira feita de alianças polidas...
E os bondes passam como um fogo de artifício,
Sapateando nos trilhos,
Ferindo um orifício na treva cor de cal...
Arlequinal! Arlequinal!
Os caminhões rodando, as carroças rodando,
Rápidas as ruas se desenrolando,
Rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...
Arlequinal! Arlequinal!
Espírito de fidalga,
Que vive dum bocejo entre dois galanteios
E de longe em longe uma chávina de treva bem forte!
Mulher feita de asfalto e de lamas de várzea,
Toda insultos nos olhos
Toda convites nessa boca louca de rubores!
Costureirinha de São Paulo,
italo-franco-luso-brasilico-saxônica,
Gosto dos teus ardores crepusculares,
Crepusculares e por isso mais ardentes,

Bandeirantemente!

Lady Macbeth feita de névoa fina,
Risco de aeroplano entre Mogi e Paris!

Chove?

Sorri uma garoa cor de cinza
Os homens passam encharcados...
Abro o meu guarda-chuva paradoxal.

De repente

Um raio de sol arisco
Risca o chuvisco ao meio.

Oh! este orgulho máximo de ser paulistamente!

Ao longo do texto o ciclorama com a imagem da cidade vai se apagando, enquanto se acende lentamente o palco: é um vasto espaço dando a sensação de uma obra em andamento: pilhas de livros pelo chão, estatuetas folclóricas, muitos quadros encostados pelos móveis e dependurados no espaço, entre eles o Homem Amarelo de Anita Malfatti e uma pintura antiga de Nossa Senhora do Carmo, uma escrivaninha com a máquina de escrever, uma poltrona (réplica das que Mário de Andrade desenhou para seu escritório), o piano de armário, uma mesa com pilhas de partituras musicais.

Uma outra mesa com pilhas de envelopes grandes, um arquivo de madeira com as gavetas abertas, cheias de fichas, dezenas de cinzeiros espalhados por toda parte.

O ruído da chuva continua.

Com familiaridade, Tana, a gorda criada negra, caminha pelo labirinto com um robe-de-chambre no braço e um par de chinelos na mão.

Mário entra de terno branco, capa e guarda-chuva e vai ao encontro dela. Tira a capa, o paletó, a gravata, entrega a ela, junto com o guarda-chuva, veste o robe, enquanto tira os sapatos e calça os chinelos.

O texto de Paulicéia Desvairada já terminou de ser dito, mas permanece o ruído da chuva durante toda a cena seguinte.

TANA- (pegando os sapatos do chão) Tai o repórter do jornal esperando o senhor.

MÁRIO- Mande ele aqui, Tana.

Tana sai, Mário senta-se na poltrona, acende carinhosamente um cigarro.

O Repórter entra, não percebe a presença de Mário. Caminha pelo labirinto olhando as coisas. Diante do Homem Amarelo para e olha o quadro um tempo, observado por Mário que fuma quietinho, sorrindo sozinho.

REPORTER- (para si mesmo) Por mais que eu procure não encontro nada demais nesse Homem Amarelo. Sem ser acadêmico é um quadro normal.

MÁRIO- Você acha normal, não é? (o Repórter se sobressalta e olha para Mário)

Isso quer dizer que não fizemos o modernismo em vão. Para a época o Homem Amarelo era uma coisa louca. Em 1917, pouca

gente compreendeu, quase ninguém aceitava. Anita é uma pioneira.

O Repórter vem até Mário, apertam-se as mãos.

REPORTER- Você está melhor. Remoçado.

MARIO- Dizem que estou abatido. Eu não gosto de doença, mas gosto de saborear convalescença. Sou um convalescente convicto.
(risos)

REPORTER- Você está ótimo.

MARIO- Tenho vivido no regime mais cruel pro bom garfo que eu sou. Os médicos partem do principio lógico, porém antimário, de que viver é conservar a vida. Pra mim viver é gastar a vida.

REPORTER- Você teve problema de rins, não foi?

MARIO- Dessa vez não. É a úlcera no duodeno. Me endireitaram, parece que definitivo, no caminho da saúde. Quem principiou foi o Pedro Nava que tirou a superstição de que eu estava sofrendo do coração.

REPORTER- Superstição?

MARIO- Superstição criada pelos médicos e não minha, eles é que só faltou dizerem que minha vida estava por um fio. O Nava acabou com a superstição.

REPORTER- Mas continua fumando...

MARIO- Eu fumo bastante... Dos vícios, o único que me venceu foi o fumo. E si não bebo, de repente, não resisto a um prato bom e mando a vida à merda. Preciso viver ainda 5 anos. Se assim como vai eu chegar até lá, muito que bem. Mas basta, não

quero viver mais. Já estou desiludido dos homens e sinto que vivi demais.

Uma gargalhada ecoa não se sabe de onde. O Repórter olha em torno. Uma corda despenca do alto, pendurada sobre a escrivaninha. Mário parece não notar nada. Para disfarçar, o Repórter vai até o arquivo, olha os envelopes.

REPORTER- Esse é o famoso fichário?

MARIO- (vindo até ele) Não tem nada de "famoso", não. E que desde muito cedo tive memória pouca, mas estimo ter resposta pronta. Tomei o hábito virtuoso de fichar. Os anos, não eu, reuniram assim um regular deserto de fichas.

REPORTER- Regular? Aqui tem de tudo. (mexendo nos envelopes sobre a mesa) Pintura. Crítica. Música. Folclore. (pegando outro envelope e lendo o título) Alguém já pensou em estudar zoofonia? (risos) Tem feito alguma poesia, Mário?

MARIO- Poesia não se faz. Ela vem.

REPORTER- (tira do bolso bloco e caneta para anotar a entrevista) Como é que você começou a escrever?

MARIO- (gargalhada "escandalosa") Principiei a escrever por pândega. Eram versinhos de caçoadas a amigos e parentes que eu cantava no piano, com melodias populares.

REPORTER- Qual foi o primeiro trabalho que você produziu?

MARIO- Foi feito em criança. Não posso positivar a data... Aos oito anos? Nove? Dez?...

REPORTER- Mas o que é que era esse trabalho?

MARIO- Se é que se pode chamar de trabalho... Foi uma cantiguinha surrealista que até hoje sei perfeitamente de cor.

REPORTER- Como é?

MARIO- Quer saber?

REPORTER- Quero.

Mário pega o bloco e a caneta do Repórter, rabisca uns versos e devolve a ele.

REPORTER- (lendo) Flori de-lâ-pá,
gêni-trans-féli guidi-nus-pigórdi
Gêni.

Tempo. Os dois se olham mudos. E riem alto.

MARIO- Não têm e nunca tiveram sentido algum... Quando eu produzi essa cantiguinha, minha mãe fez uma cara igual à sua. Ouviu e suspirou: "Que bobagem, meu filho!" (mais risos)

REPORTER- Escute uma coisa: e o seu primeiro livro?

MARIO- E aquele: Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema. Foi inspirado na guerra de 1914.

REPORTER- Quando você pegou na mão o primeiro exemplar o que foi que sentiu?

MARIO- Ah!... Nem queira saber! Me assustei!

REPORTER- Como é que você vê a sua obra?

MARIO- E certo que eu não morro de amores por ela, mas...

REPORTER- (interrompendo) Você teve muitos êxitos!

MARIO- Jamais o êxito me preocupou. Acho que ser artista não é alcançar êxitos; é, sim, fazer obras de arte legítimas. E arte não quer dizer fazer bem feito, mas fazer melhor. E aliás por isso que...

REPORTER- (interrompendo de novo) Mas, nesse caso, por que você vai editar as suas obras completas?

MARIO- (ligeiramente irritado) Era justamente disso que eu ia falar quando você me interrompeu. Quando me convidaram pra organizar minhas "Obras Completas" percebi que era uma ocasião boa de alimpar uma porção de defeitos inúteis que eu hoje consigo perceber.

REPORTER- E quantos volumes vai ter na sua Obra Completa?

MARIO- (cansado e impaciente) Não sei, nem posso saber por causa das obras que ainda pretendo escrever.

REPORTER- Você prefere os seus livros de estudo ou de ficção?

MARIO- Prefiro os de ficção, contos, romances.

REPORTER- Quer dizer alguma coisa sobre os seus personagens?

MARIO- (mais cansado) Dizer o que? Não diria novidade, nem especialidade minha... Construo os meus personagens, ou melhor, não construo coisa nenhuma: no geral eles surgem, se impõem, mas feitos...

Um jovem semi-nu vai descendo devagar pela corda sobre a escrivaninha, até ficar de cócoras ao lado da máquina de escrever, "assuntando" a conversa.

O Repórter, de costas para ele, não o vê.

Mário vê, mas não demonstra que viu. Pega o braço do Repórter e vai continuando a conversa levando-o para a saída, para que ele não veja o jovem sobre a mesa.

REPORTER- Quais os trabalhos novos que você vai publicar?

MÁRIO- Tenho vários... Não sei... Talvez uns contos... Sim, certamente uns contos. Com a velhice que está chegando, vivo apaixonado pela forma do conto. Creio que farei ainda um livro de contos... depende da maior ou menor paciência da morte em me esperar. Acho... acho que a sua entrevista está acabada.

Mário estende a mão. Surpreendido o Repórter se atrapalha com o bloco e a caneta, aperta a mão de Mário e sai.

Mário e o jovem se olham de longe. O jovem ri, malicioso.

Mário vai calmamente até sua poltrona, senta-se, acende outro cigarro, o jovem ri.

MÁRIO- Você outra vez?

MACUNAIMA-Quem mandou me inventar, quem mandou?

MÁRIO- Eu nunca inventei ninguém, não.

MACUNAIMA-(ri) Não, é? E aquela gentarada toda vivendo dentro dos seus livros que nem estrela do céu?

MÁRIO- Não foi invenção, não. Os meus personagens são somas de pessoas que encontrei na minha vida.

MACUNAIMA-Nízia Figueira, a negra Rufina, Rosa, Carmela e o

Almeidinha, maestro Marchese, doutor Cerquinho, o négo Ellis

e o piá Paulino, o menino Carlos e... (malicioso) Fraulein Elza...

MARIO- (sorri) Os personagens são criaturas já feitas e que se movem sem mim. São os personagens que escolhem os seus autores e não os autores que constroem os seus heróis.

MACUNAIMA-Isso lá é. Eu...sou você.

MARIO- (ri, surpreso e divertido) Quem que disse?

MACUNAIMA-Eu sou a sua obra prima!

MARIO- (gargalhada escandalosa) Você me deu foi um trabalhão danado, isso sim.

MACUNAIMA-Que trabalhão o quê! Pois eu não fui escrito em seis dias de réde em Araraquara? (citando:) "Um puro divertimento. Macunaima foi escrito em férias e como férias".

MARIO- (surpreso) E como é que você sabe disso?

MACUNAIMA-(aponta o céu) Que que a gente não sabe no campo vasto do céu? (tempo) E então?

MARIO- Então o que?

MACUNAIMA-Que história é essa de dizer que eu dei trabalho?

MARIO- Deu trabalho foi depois...(mergulha na memória) As vezes tenho a impressão que você, Macunaima, foi a única obra-de-arte, de deveras artistica, desinteressada que fiz na minha vida. Quando li o livro de Koch-Grunberg percebi que Macunaima era um herói sem nenhum caráter (Macunaima ri gostoso) nem moral nem psicológico. (Mário olha pra ele e ri junto) Achei isso enormemente comovente nem sei porque... Sei que me botei dois dias depois pra chakra dum tio em Araraquara e escrevi feito doido, você não imagina...

MACUNAIMA-Imagino, sim.

MARIO- Escrevi sem nenhuma intenção, me rindo apenas das alusões à psicologia do brasileiro, mas se principio matutando um pouco mais, principia surgindo tanto problema, tanta crítica feita dentro dele que nem parece uma sátira tremenda.

MACUNAIMA-E eu sou sátira de brasileiro?

MARIO- Não é não. Não sou mais capaz de sátira porque o mundo me parece tão como ele é mesmo!

MACUNAIMA-(consolando) Ah, vá! Vá!

MARIO- (suspira) Que que se há de fazer! Pois é: meu destino é mesmo fazer escândalo e a imoralidade do livro de você foi uma das coisas que mais me deu trabalho.

MACUNAIMA-Foi não.

MARIO- (divertido) Não?

MACUNAIMA-Não. Eu me alembro tudinho o que você mesmo disse de mim pros outros...

MARIO- Que outros?

MACUNAIMA-(contando nos dedos) Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Alceu de Amoroso Lima, Augusto Meyer, Alvaro Lins... Tai esse pessoal todo que não me deixa mentir.

MARIO- (ri gostoso) Tai onde, Macunaima?

MACUNAIMA-Fecha os olhos um bocadinho, Mário, e pergunta assim: quem que traz os meus amigos do campo vasto do céu, quem que traz?

Divertido, Mário obedece. Tapa os olhos com a mão.

MARIO- Quem que traz os meus amigos do campo vasto do céu, quem que traz?

De pé em cima da escrivaninha, Macunaíma faz um gesto grande.

Música.

Uma penumbra azul banha o cenário e milhares de estrelas se projetam por cima dos móveis, dos livros, dos quadros.

Os amigos citados aparecem sentados pelo cenário.

Mário descobre os olhos e olha maravilhado.

Macunaíma ri gostoso do deslumbramento de Mário, corre até ele, arranca do bolso do robe uma carta, apanha depressa outras cartas pelos móveis do cenário e corre entregar para os amigos.

MANUEL- (abrindo o envelope e lendo a carta) Manuel do coração, o que tem me divertido é a perplexidade em que deixei a moçada. Tudo sarapantado, tudo inquieto, tudo não gostando com vontade de falar que não gosta, porém meio com medo de bancar o bobo por não ter gostado duma coisa boa.

MEYER- (abrindo o envelope e lendo a carta) Augusto Meyer, Macunaíma está virando uma verdadeira obsessão pra mim. Tem momentos que acho ele horrível. Tem momentos que acho muito bom.

ALVARO- (abrindo o envelope e lendo a carta) Meu caro Alvaro Lins, Macunaíma seria o meu mérito grande se saísse o que queria que saísse.

MANUEL- Uma obra prima que não ficou obra-prima, Manu, mas que tenho a consciência de que é um livro importante.

- MEYER- Uma coisa me parece certo: é que ele não é a aparência de pândega que tem. Se foi escrito brincando, a releitura do livro me principiou doendo fundo em seguida. Hoje me parece uma sátira perversa.
- DRUMMOND- (abrindo o envelope e lendo a carta) Meu Carlos, nunca tive a intenção de que Macunaima não tivesse referência com o brasileiro. Até vivia falando que ele não era O brasileiro, porém ninguém não podia negar que era BEM brasileiro.
- ALVARO- Quis escrever um livro em todos os linguajares regionais do Brasil. O resultado foi que, como já disseram, me fiz incompreensível até para os brasileiros.
- DRUMMOND- Porém, Macunaima não pode ser símbolo de brasileiro, simplesmente porque SIMBOLO, implica necessariamente totalidade psicológica. E essa Macunaima não possui. Tirei dele, de propósito, o lado bom do brasileiro.
- MANUEL- Conexão lógica de psicologia o livro tem, Manu, quem não tem é Macunaima e é justo nisso que está a lógica dele: em não ter lógica. Não imagine que estou sofismando não. Macunaima é uma contradição de si mesmo. O caráter que demonstra num capítulo, ele desfaz no outro.
- ALCEU- (finalmente lendo a carta) Meu caro Alceu, a imoralidade do livro é uma das coisas que mais me preocupa. Será entendida? Meu destino é mesmo fazer escândalo, meu Deus?
- MEYER- Francamente, eu já nem sei bem direito o que é o meu safado herói. Sabia, mas não sei mais. Me atrapalharam os comentários.

ALCEU- Se o livro fizer escândalo, como não desejo, mas tenho medo, palavra que vou sofrer bastante. Mas o pior perigo será se me imitarem nisso.

MANUEL- E a critica do Alceu o que você achou, Manu? Achei meia besta. Não tomou posição. Como católico devia de censurar mais.

ALCEU- Essa ânsia de divindade, Alceu, que jamais não me abandonou um segundo, aquele estado extático de misticismo religioso que botei no final de Macunaima. Chegado no céu ele nem pensa mais nas farras de amor com Ci e vira no brilho inútil das estrelas.

MANUEL- Manu, estou convencido que carreguei a mão e tirava o mesmo efeito com menos coisas imorais. Se eu não tivesse o meu futuro, palavra de honra que ia tentar reescrever Macunaima.

MACUNAIMA-Ara!

MANUEL- Quanta coisa eu mudava. Mudava pro eu de agora, o avanço em idade vai quebrando as arestas.

MACUNAIMA-Ara! Pois nos diamantes as arestas é que mais brilha...

Macunaima faz um grande gesto, ressoa um trovão, as luzes piscam e todo o cenário volta ao seu aspecto de antes, os amigos desapareceram.

MARIO- (bravo) Pra que que você fez isso?

MACUNAIMA- Porque sim.

MARIO- Pois eu devia era fazer igual fez vossa mãe que te largou quando era curumim perdido no campo pra não crescer mais não!

MACUNAIMA-(dando de ombros) Agora eu já estou escrito, não dá pra mudar mais não.

MARIO- Pois se eu soubesse...

MACUNAIMA-Se você soubesse não ia adiantar nada. Não adianta negar, não, Mário de Andrade. Você é eu.

MARIO- Que eu mané eu coisa nenhuma!

MACUNAIMA-Você é eu, sim e vai ser você mesmo nesse livro de contos que você disse pro repórter que vai escrever antes de morrer.

MARIO- (espantado) E como é que você sabe o que é que eu vou escrever?

MACUNAIMA-(aponta o céu) Que que a gente não sabe no campo vasto do céu?

MARIO- (ri) E que é que você sabe?

MACUNAIMA-Que em quatro contos você vai contar a sua história.

MARIO- (perplexo) E?

MACUNAIMA-E.

MARIO- (defensivo) Duvido. Eu sou tão orgulhoso da minha intimidade que tenho sempre aí na minha pasta de escrivantina uma carta pedindo, caso eu morra, que meus inéditos sejam destruídos. Principalmente anotações.

MACUNAIMA-Mas não vai ser assim descarado não. Os quatro contos vão misturados com os outros, fora de ordem. (Mário ri) E já está tudo ali, escrevinhado, só faltando completar.

Macunaíma aponta o arquivo, Mário se sobressalta, mas Macunaíma é mais rápido. Salta até o arquivo e pega quatro envelopes cujos títulos vai lendo e espalha pelo chão.

MACUNAÍMA-"Vestida de Negro", "Frederico Paciência", "Peru de Natal" e este outro aqui que vai ser último do livro, mas que é o primeiro de todos, o "Tempo da Camisolinha".

Fazendo suspense, Macunaíma abre o último envelope.

Música, começa uma lenta mudança de luzes.

Macunaíma vira o conteúdo do envelope no chão: de dentro dele cai um monte de cachos de cabelos cortados e uma foto familiar.

A alteração de luzes se completa. Mário vem até Macunaíma, pega do chão uns cachos de cabelo que olha, transportado.

Macunaíma pega a foto, mostra para Mário.

MARIO- (olhando a foto) Guardo essa fotografia porque se ela não me perdoa do que tenho sido, ao menos me explica.

MACUNAÍMA-(mostrando na foto) Quem que é?

MARIO- Meu irmão.

MACUNAÍMA-Quantos anos?

MARIO- Uns oito anos. (interessado na foto) Rosto rechonchudo, lisinho, sem malícia, a própria imagem da infância. Eu, tão menor, tenho esse quê repulsivo de anão, pareço velho. A boca entreaberta num risinho perverso. Meus olhos não olham, espreitam. Todos os indícios de segunda intenção. (tempo) Não sei por que não destruí em tempo essa fotografia, agora

é tarde. Tenho certeza que ela me fez imenso mal, porque me deu muita preguiça de reagir.

MACUNAIMA-(puxando a foto para si e olhando atento) Preguiça, é?

MARIO- (não escuta, já fascinado pelos cabelos que tem na mão) Toda gente apreciava os meus cabelos cacheados e eu adorava eles por causa dos elogios. (cheira os cachos cortados) Dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caiam pelos meus ombros em cachos gordos, com molas de espiral...

Enquanto Mário se perde na divagação, Macunaíma faz um gesto e, no fundo do palco, entram o Pai e a Mãe, nas roupas brancas de verão do começo do século, sombrinha aberta, passeando na praia, relaxados. Contrastando com a leveza e relaxamento deles, o Pai diz:

PAI- (severo) E preciso cortar os cabelos desse menino.

Mário só agora percebe a presença do Pai e da Mãe e reage como uma criança à ordem paterna.

MARIO- (suplicante) Mamãe...

A Mãe detém a marcha um instante olhando para ele, mas baixa a cabeça e continua o passeio de braços dados com o marido.

MARIO- (emocionado, para a Mãe) Por que você não aguenta os meus últimos olhos de inocência?...

PAI- (saíndo do palco de braços com a Mãe) E preciso cortar os cabelos desse menino.

MARIO- (deixando cair lentamente os cachos de cabelo que tinha na mão) Uma decisão à antiga, brutal, impiedosa, castigo sem culpa, primeiro convite às revoltas íntimas...

Desenvolta, Tana entra com uma pá e uma vassoura, examina a cabeça de Mário e varre todos os cachos de cabelos do chão.

TANA- (varrendo) Você ficou um homem assim.

Mário chora manso.

Tana sai, com os cabelos na pá e a vassoura, sacudindo a cabeça e estalando a língua.

MARIO- E o meu passado se acabou pela primeira vez. Só ficaram como demonstrações dele, as camisolinhas muito bestas, que minha mãe, por economia teimava em utilizar até o fim. Foi dentro ainda das camisolinhas que parti com a família pra Santos, aproveitar as férias de junho.

Tana entra, dependurando camisolinhas e muitos calçõezinhos de criança pelos móveis do cenário.

TANA- Esse menino vive sujo. Garanto que, por baixo da camisola, deve de estar sem as calcinhas de encobrir as coisas feias.

Macunaima ri, Mário sorri. Macunaima corre para o varal e veste uma camisolinha. Tana nada percebe e sai.

Macunaima levanta a frente da camisola, mostrando as vergonhas para Mário e ri alto, Mário ri junto, sacudindo a cabeça.

Entram o Pai e a Mãe, nas roupas brancas de verão do começo do século, sombrinha aberta, passeando na praia, relaxados.

Macunaima levanta a camisolinha e mostra as vergonhas pra eles. O Pai nada vê, olhando à frente, mas a Mãe detém a marcha brevemente.

MÃE- Meu filho, não mostra isso, que feio! repare: sua madrinha está te olhando! (indica o quadro de Nossa Senhora do Carmo, dependurado no espaço junto dos outros).

O Pai e a Mãe saem, passeando pela praia.

Macunaima fica olhando o quadro em atitude de criança, ligeiramente debochado.

MARIO- (olhando o quadro de longe) Minha madrinha do Carmo na parede... que raiva da santa linda, com aquelas mãos gordas e quentes. Um dia, não sei o que me deu de repente, nem pensei: larguei correndo os meus brinquedos com o barro no canal, barafustei pela porta adentro, com coragem, heróico...

MACUNAIMA-(levantando a camisolinha e mostrando as vergonhas pra Santa, empinando bem a barriga) Tô! Olhe! Olhe bem! Tô! Olhe bastante mesmo! (e cai na gargalhada)

MARIO- (sorrindo junto) Eu bem imaginava que não sucedia nada... Minha madrinha do quadro continuava olhando pra mim, sorrindo, a boba não zangando comigo nada. Que orgulho corajoso no peito...

Macunaima se desloca para um dos lados do cenário ao mesmo tempo que entram três pescadores, com instrumentos de pesca. Um deles com tres estrelas do mar na mão. Macunaima se mete entre eles.

HOMEM 1- Não sei, não... A lua muda hoje.

HOMEM 2- Larga de ser preguiçoso, homem.

HOMEM 3- (com as estrelas na mão, olhando Macunaima) Esse não é o filhinho do "seu dotô"?

HOMEM 1- Pois é ele, sim.

HOMEM 2- Que que há de estar fazendo aqui na praia sozinho?

MACUNAIMA-Que que é isso, moço?

HOMEM 3- Estrela do mar (mostra as estrelas na mão)

Macunaima olha extasiado, estica um dedo para tocar.

HOMEM 3- (brusco) Tome pra você. Estrela do mar dá boa sorte.

Macunaima põe depressa as mãos atrás das costas, sem saber se aceita.

MACUNAIMA-Que que é boa sorte, hein?

O Homem 3 olha rápido os companheiros porque não sabe explicar o que é boa sorte, mas todos esperam a resposta.

HOMEM 3- Isto é... não vê que a gente fica cheio de tudo... dinheiro, saúde...

Pigarreia fatigado. Insiste com as estrelas na mão estendida para Macunaima.

HOMEM 3- Seque bem elas no sol que dá boa sorte.

Macunaima, num gesto impulsivo e envergonhado de criança, agarra as tres estrelas e sai correndo, sem agradecer.

Entrega as tres estrelas a Mário, enquanto os pescadores saem.

MARIO- (olhando as estrelas, fascinado) Uma menorzinha e duas grandonas.....

Entram o Pai e a Mãe, nas roupas brancas de verão do começo do século, sombrinha aberta, passeando na praia, relaxados.

PAI- Esse menino não come nada, Maria Luísa!

MÃE- Não sei o que é isso hoje, Carlos! (para Mário que continua em seu lugar) Meu filho, coma ao menos a goibada...

E continuam passeando na praia até sair do palco.

MARIO- Que goibada, mané goibada! eu estava era pensando nas minhas estrelas do mar. Eu havia de ser sempre feliz, não havia de crescer, minha madrinha gostosa se rindo sempre, mamãe me dando brinquedos, com papai não se amolando por causa dos gastos.

Enquanto Mário fala, entra do fundo "um portuga magruço, de enormes bigodões", mãos enfiadas nos bolsos, cabisbaixo, chutando pedrinhas imaginárias e senta-se, tristonho, numa pilha de livros ou num canto de móvel.

Macunaima vai ao seu encontro e fica parado, as mãos atrás das costas como um menino, olhando fixamente o homem triste.

Mário termina de falar, Macunaima deixa passar um tempo, olhando o homem.

MACUNAIMA-Moço....(o Portuga não reage).

Moço, que que você tem? (o Portuga olha Macunaima e torna a baixar a cabeça, dando de ombros)

Que que foi?

PORTUGA- (tempo cabisbaixo, depois murmura triste) Má sorte...

Macunaima junta as mãos embaixo do queixo num gesto de terror infantil. Olha o Portuga, olha Mário que assiste do seu lugar, olha o Portuga de novo e corre para Mário.

MARIO- (aterrado) Má sorte! Aquele homem enorme com tantos filhinhos pequenos, uma mulher paralitica na cama!...E no entanto eu era feliz, feliz! e com tres estrelinhas-do-mar pra me darem sorte...

Macunaima puxa Mário pela manga. Mário resiste, apertando as estrelas na mão. Macunaima insiste, Mário resiste, aterrado. Macunaima arranca a camisolinha e joga longe. Empurra Mário que vai se infantilizando à medida que avança na direção do Portuga.

E um Mário-criança que para diante dele, resguardando as estrelas na mão, quase chorando, olhando o Portuga que se levanta devagar e olha Mário de frente.

Lentamente, Mário estende a mão para o Portuga.

MARIO- Tome! Tome as estrelas-do-mar! Dá... Dá, sim, boa sorte!...

Mário e o Portuga se olham intensos e emocionados.

Macunaima observa de lado.

MARIO- Pegue depressa! faz favor! depressa! dá boa sorte mesmo!

Tempo. Olhos nos olhos de Mário, o Portuga pega as estrelas da mão dele. Baixa a cabeça e sai lentamente, Mário olhando ele se afastar. Antes de sair o Portuga vira a cabeça e dá uma última olhada para Mário, que chora manso olhando para ele, Macunaima do lado.

MACUNAIMA-(baixinho, pra não cortar o clima de Mário) E aí? Que foi que você fez?

MARIO- Eu corri. Eu corri pra chorar, chorar na cama, abafando os soluços no travesseiro sozinho. Mas por dentro era impossível saber o que havia em mim, era uma luz, uma Nossa Senhora, um gosto maltratado, cheio de desilusões claríssimas, em que eu sofria arrependido, vendo inutilizar-se no infinito dos sofrimentos humanos a minha estrela-do-mar.

Tempo.

MACUNAIMA-(carinhosamente malicioso e matreiro) Que nem quando te mandaram embora do Departamento de Cultura?

MARIO- (pego desprevenido acende um cigarro, nervoso) Os homens foram feitos pra trabalhar. Mas os homens sonham e praticam

a aposentadoria, são todos almas de aposentados. E quando a gente quer trabalhar tropeça a cada passo ou esbarra definitivamente na preguiça mineral das leis, é horrível.

Mário fuma, amargurado, mergulhando na memória, afundando na cadeira.

MARIO- Sonhos, mocidade e coragem... Sonho de uma organização brasileira de estudos de coisas brasileiras e de sonhos brasileiros. Um Departamento de Cultura não visando a elite, mas a maioria... Um dia, nesta minha casa da rua Lopes Chaves, nesta sala, Paulo Duarte me convidou... não, me intimou a ser diretor do Departamento: - Deus me livre, m'ermão, que eu disse pra ele. Sou o homem mais feliz do mundo. E o meu sossego? Não quero abandonar ele, não.

(tempo)

Ah! herói, já estou completamente enfartado e amargado dos homens! (tempo fumando)

MACUNAIMA-Não valeu a pena, não?

MARIO- Eu ganhava bem por mim, não precisava do cargo. Estava nesta minha casa trabalhando, quando me bateram na porta e vieram me convidar.

MACUNAIMA-Iso você já falou.

MARIO- Pensei, pensei uma semana, percebi que esse era um processo de... ser útil. Foi um trabalho louco!

MACUNAIMA-(resmungando) Diabo leve quem trabalha.

MARIO- Uma febre de pesquisas, engenheiros construindo parques novos, o coral paulistano duro de nascer, congresso de

língua nacional cantada, um grande prédio pra biblioteca, que começava a fazer o que não fazia há anos: comprar livros.

MACUNAIMA-E a música? E os versos, herói?

MARIO- Ficou pra depois. Como ficou a minha vida. Eu fiquei completamente... pra depois. Trabalhei com paixão violenta nesse primeiro contato burocrático com o povo e com a vida. Experiências ferozes para mim... mas tinha a esperança de me adaptar e poder ser útil. Se fosse útil, ficava numa felicidade danada outra vez, pouco me importando que fossem pro diabo os projetos abandonados...

MACUNAIMA-(consolando) Ara!

MARIO- Veio o Estado Novo. Mudou o governo e veio um governo de vingança. Acabaram com tudo! Não há mais esperança, morreu, está acabado. Foi um bom sonho que tivemos, mas agora já estamos acordados. Tirar ele do sentido porque eu já tirei o sentido dele.

MACUNAIMA-Também, pra que que você foi se meter com o governo?

MARIO- (não escuta, mergulhado na amargura) Então preferi não ver, nem ser visível. Quero escuridão, não quero me vingar de ninguém, quero escuridão. Qualquer coisa serve, irei pro Rio sem a menor saudade, prum posto que me conserve na obscuridade, subalterno dos outros mandando em mim. Quero ir me embora, quero ir embora, quero ir embora.

MACUNAIMA-(tempo) E foi. Lá no Rio de Janeiro.

MARIO- Mas que vale mudar de terra, quando a tragédia está dentro de nós?

E fuma, dolorido e triste, mergulhado no passado.

Macunaima observa, compungido.

MACUNAIMA-Igual eu.

MARIO- (ainda ausente) E?

MACUNAIMA-Igualzinho. Pois não se lembra quando eu resolvi fingir de pintor e fui pedir pensão pro governo pra ir na Europa estudar?

Macunaima agita a mão no ar.

Entram Maanape e Jiguê que se juntam a ele e Mário.

MACUNAIMA-E então, manos?

MAANAPE- Pois não vê que o governo já está com mil vezes mil pintores encaminhados pra mandar na pensão da Europa.

JIGUE- Sabe quando você vai ser nomeado? E más é só no dia de São Nunca.

MACUNAIMA-Pois é injustiça do governo! Que raiva!

JIGUE- Está com raiva, tira as calças e pise em cima.

MACUNAIMA-Paciência, manos! não! não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização européia de-certo esculhamba a inteireza do nosso caráter.

Mário dá uma gargalhada e acende um cigarro.

Maanape e Jiguê acendem seus pitos.

Entra o Macaco Mono e senta-se no chão.

Macunaima vai até ele.

O Mono põe um coquinho no meio das pernas, junto com uma pedra, aperta e juque! a fruta quebra. Ele come.

Macunaima com vontade do lado.

MACUNAIMA-Bom dia, meu tio, como lhe vai?

MONO- Assim assim, sobrinho.

MACUNAIMA-Em casa todos bons?

Ele pega coquinho do meio das pernas e come.

Macunaima observando, com água na boca.

MONO- Não me olhe de banda que não sou quitanda, não me olhe de lado que não sou melado!

MACUNAIMA-O que você está fazendo aí, tio!

MONO- Estou quebrando os meus toaliquiçus (indica o saco) pra comer.

MACUNAIMA-Vá mentir na praia!

MONO- Uai, sobrinho, se tu não me dá crédito então pra que pergunta?

MACUNAIMA-E gostoso, é?

MONO- Chi! prove só!

Pega coquinho do meio das pernas e dá para Macunaima.

Ele come.

MACUNAIMA-E bom mesmo, tio! Tem mais?

MONO- Agora se acabou, mas se o meu era gostoso que fará os vossos? Come eles, sobrinho!

MACUNAIMA-(com medo) Não dói não?

MONO- Qual, se até é agradável!...

O Mono dá a pedra para Macunaima, que hesita.

MONO- Você tem mesmo coragem, sobrinho?

MACUNAIMA-Ara!

Sentado no chão abre as pernas, mira bem no saco e bate com toda a força.

Cai morto.

MONO- (saindo de cena) Pois, meus cuidados, não falei que tu morrias! Falei. Não me escutas! Está vendo o que sucede pros desobedientes? Agora: sic transit.

Ele sai. Maanape, Jiguê e Mário vão até o corpo de Macunaima.

Juntos, Maanape e Jiguê com seus cachimbos, Mário com seu cigarro, sopram fumaça em cima de Macunaima.

Ele se levanta.

Maanape e Jiguê saem.

MACUNAIMA-Viu?

MARIO- Vi. Mas o que que isso prova?

MACUNAIMA-Prova que você é eu, Mário de Andrade. Você já sabia desde muito antes do Departamento que não dá pra matar a fome comendo os próprios bagos. Desde que me pariu, na rede lá em Araraquara, nos idos de 26, você já sabia que também ia morrer duas vezes, que nem eu.

Boquiaberto, Mário olha Macunaima um tempo.

MACUNAIMA-Que que foi, companheiro?

MARIO- Estou aqui sarapantado com a inteligência do herói.

MACUNAIMA-(sem jeito) Ara! Me diga uma coisa, coraçãozinho dos outro, você não foi lá na macumba da tia Ciata, pra dar uma sova de pau no político ruim que te tirou do Departamento, não?

MARIO- (rindo enternecido) Isso foi você que fez, Macunaima.

MACUNAIMA-Fala a verdade, mano, você no Rio de Janeiro ficou que nem eu na história: atirado numa ilhota deserta pra além da baía de Guanabara, dormindo embaixo duma palmeirinha onde um urubu encarapitado fazia necessidade até você ficar escorrendo sujeira de urubu, fedendo por demais.

Os dois riem juntos, gostosamente.

MARIO- (malicioso) Mas teve também Vei, a Sol e as tres filhas dela fazendo muitos cafunés e cosquinhas no corpo todo do herói, não é?

MACUNAIMA-(mais malicioso ainda) Você também brincou com elas, foi?

Riem muito, camaradas. Mário suspira e olha Macunaima.

Senta no piano.

Os dois se entendem com o olhar. Mário começa a tocar, fazendo fundo para a poesia. Recitam juntos, enfatizando as imagens sexuais do poema, dois machões em mesa de bar:

MARIO- Terras bruscas, céus maduros,

Apalpam curvas os autos,

Ai, Guanabara,

MACUNAIMA-Serão desejos incautos,

Ancas pandas, seios duros...

Senti as curvas dos autos

Nas praias da Guanabara.

MARIO- Penetro as fendas dos morros,

Desafôgos de amor, jôrros

De sensualidades quentes,

MACUNAIMA-Ai, ares de Guanabara,

Sou jogado em praias largas,

Coxas satisfeitas feitas

De ondas amargas

MARIO- Não posso mais...

MACUNAIMA-Mulatas, uvas pisadas,

Ai, Guanabara,

Tuas noites fatigadas...

Me derramo todo em sucos...

MARIO- Há deusas...

Há Vênus, há Domitilas

MACUNAIMA-Fazendo guanabaradas

Por ai... (riem os dois)

As noites não são bem noites

MARIO- As músicas são cansaços,

MACUNAIMA-Açoites

MARIO- De convites, bocas, mar,

MACUNAIMA-Ai, ares de Guanabara,

MARIO- Vou suspirar...(tempo)

JUNTOS- Ai, que preguiça!...

E caem na gargalhada.

Ainda rindo Macunaima vai até o arquivo. Pega do chão um dos envelopes dos contos.

MACUNAIMA-E foi no Rio de Janeiro que você começou escrevendo "Vestida de Preto".

MARIO- (parando de rir, enxugando os olhos e suspirando, sério) Foi esse o primeiro dos quatro amores eternos que fazem da minha vida uma grave condensação interior.

Macunaima abre o envelope e vira de boca para baixo. Não cai nada. Ele olha dentro do envelope, enfia a mão procurando, está vazio. Mostra o interior vazio para Mário e abre os braços, indagando.

MARIO- Sou falsamente um solitário. Quatro amores me acompanham, cuidam de mim, vêm conversar comigo. Mas dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade.

MACUNAIMA-Pois fale, ué, que que tem?

MARIO- (sorri triste) Maria, Macunaima, foi o meu primeiro amor. Pelos nove, dez anos é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso.

Sem tirar os olhos de Mário, Macunaima estala os dedos no ar: a luz do cenário muda, risos e gritaria de criança começam a soar de longe, chegando mais perto enquanto Mário fala.

MARIO- Na casa sem jardim da Tia Velha tinha muitos quartos ...

A barulheira das crianças está muito alta. Tia Velha atravessa o palco batendo no chão os tacões dos sapatos, com travessas de doces nas mãos.

TIA VELHA-(feroz) Não quero saber de correria e estrago. Vão brincar nos quartos! Vão, vão!... (e sai severa e apressada)

O ruído das crianças cessa.

MARIO- Era fatal a gente brincar de família.

MACUNAIMA-(ri malicioso)

MARIO- (sorri enternecido) Casávamos rápido, só de boca e íamos pros nossos quartos.

MACUNAIMA-(mais malicioso) Hum!...

MARIO- Não fazíamos nada. Fazer comidinha, amamentar bonecas... isso ficava para os menores. O que os outros faziam, não sei. Eu com Maria... (suspira) Eu adorava ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safadezas já, mas sem tentar nenhuma. Havia...não havia, não, mas sempre como que havia um perigo de crime...Crime, não, "pecado" que é como se dizia naqueles tempos.... Era suavíssimo e assustador.

Macunaima o detém com um gesto e aponta o palco. Mário olha.

Música.

Maria, adulta, vestida de preto, entra e pára no centro do palco.

Simples, parada e linda, ela olha para Mário.

Tempo, os dois se olham com a música.

Maria desvia os olhos para a poltrona de Mário. Mário olha também.

Os dois se olham de novo e se entendem. Mário embasbaca, rígido.

Desenvolta, Maria vai até a poltrona. Tudo nela tem a simplicidade e candura infantis, sem "fazer de criança".

Ela pega a almofada e o xale bordado que cobre a poltrona.

MARIA- Já é tarde, vamos dormir.

Estende o xale no chão, na frente do palco, arranja a almofada.

Deita-se, arranjando o vestido pra não amassar.

Mário observando, estarrecido, querendo e não querendo.

Macunaima a seu lado, olha para ele, para ela deitada, para Mário de novo e o cotuca com o cotovêlo.

MACUNAIMA-(cochicho malicioso) Vai lá, rapaz. Vai lá!

Mário empurra Macunaima e continua parado.

Maria se vira na cama, olha para Mário.

MARIA- Você não vem dormir também?

MARIO- (gaguejando) Já... já vou. Eu... estou conferindo a conta do armazém.

Macunaima, sorrindo sempre malicioso, vai empurrando Mário que se "aproxima incomparavelmente sem vontade, senta no chão tomando cuidado

em sequer tocar no vestido, puxa! também o vestido dela está completamente assustado, que dificuldade!" Mário deita devagarinho a cabeça no restico de travesseiro que sobra da imensa cabeleira "assustada" de Maria. Recua o rosto, coça o nariz. Tenta de novo, de novo recua. Coça o nariz.

MACUNAIMA-(cochichando) Que foi, herói?

MARIO- (cochichando) Eu... acho que vou espirrar.

MACUNAIMA-(cochichando) Ara, homem! Marido não espirra.

Sensual, Maria curva mais a cabeça, num gesto lento descobre o pescoço.

MACUNAIMA-(sussurra, excitado, mordendo os lábios.) Faz isso não, oferecida!

Mário deita lentamente a cabeça afinal, vai aproximando os lábios do pescoço de Maria, projeta os lábios e beija o pescoço de Maria!

"Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima inclinação pra trás" e, sem virar a cabeça, solta os cabelos cobrindo cuidadosamente todo o rosto de Mário.

MACUNAIMA-(sussurra, sem quebrar o clima) E veio a noite!

Tempo.

Repentinamente, Tia Velha entra, batendo os tacões dos sapatos, duas bandejas de doces nas mãos. Estaca diante de Mário e Maria deitados. Os dois levantam metade do corpo, paralizados de surpresa.

TIA VELHA-Levantem!... Vou contar pra sua mãe, menino!

Os dois se levantam de um salto.

MARIO- Tia Velha me dá um doce?

TIA VELHA-(maldosa, encarando Mário) Espinho que pinica, de pequeno já traz ponta.

Vira-se e sai batendo os tacões. Maria seguindo atrás, Mário acompanhando com o olhar. Tia Velha sai. Maria dá um último olhar por cima do ombro e sai.

Mário avança até Macunaima, bravo, agitado, acende um cigarro.

MARIO- O estranhíssimo é que principiou assim uma indiferença inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse dia mesmo inda achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozzo. (anda de um lado para outro, fumando)

MACUNAIMA-E aí, herói?

MARIO- (catando o xale e a almofada do chão e tornando a arrumar a poltrona, onde se senta, pesadamente) Ai...dez, treze, quatorze anos...Eu era o tipo do fraco. Feio, tendência para os vícios, preguiça. Um caso perdido. Meus irmãos muito bonzinhos, distinção no colégio enquanto eu... tomava bomba. Uma ficou famosa porque protestei gritado em casa e meu pai...

MACUNAIMA-Péra aí, péra aí. Isso já é deste outro conto aqui: (lendo)
"Frederico Paciência". Não esculhamba, está misturando tudo!

Mário ri.

Macunaima abre o envelope e de dentro retira um livro grande e uma longa tira de papel enroladinha como um canudo: uma cola.

Mário pega a cola da mão dele, lê e ri, mergulhando na memória.

MARIO- (relembrando o protesto aos berros) "Eu não coleí! Não coleí! É injustiça! (e ri)

Macunaima arranca a cola da mão de Mário e corre para o centro do palco.

Entram o Pai e o Jovem Mário por um lado. Um Padre pelo outro. Vão se encontrar no centro. Macunaima coloca a cola nas mãos do Padre, cruzadas nas costas e corre de volta para o lado de Mário.

PAI- Sua benção, seu padre.

PADRE- Seu menino traduz latim muito bem... mas não sabe traduzir francês.

JÓVEM MA.-(arrogante) Como que o senhor prova que eu coleí?

MACUNAIMA-Tá solto!

O Padre mostra a cola em sua mão.

PAI- (constrangido) Seu padre me desculpe.

O Padre vira as costas e sai, picando a cola em pedaços. Jovem Mário e o Pai se olham cara a cara.

MARIO- Foi esplêndido quando o condutor veio cobrar as passagens do bonde. (o Pai tira do bolsinho do colete um punhado de moedas)

De repente, meu Pai ficou olhando muito o dinheiro, parado. Parecia decidir a minha vida, ouvi, cheguei a ouvir ele dizendo...

PAI- Não pago a passagem desse menino.

MACUNAIMA-Mas pagou?

MARIO- Afinal, pagou. (tempo) Papai... Incapaz duma carícia, mas incapaz de uma repreensão também. Nem comigo, a tara da família... (o Pai olha o relógio e sai de cena) Eu detestava estudar. Só no desenho e em Português tirava dez. Nas outras matérias um, zero. Principalmente em matemática. Esse ano até que foi uma bomba só.

Vozes de moças se aproximando.

Sozinho no palco, o Jovem Mário olha.

Entram Moça 1, Moça 2 e Maria, vestida de preto.

MOÇA 1- Você vai pra fazenda nestas férias?

MOÇA 2- Acho que vou. Vai ser um estôrvo porque... (cala-se ao ver o Jovem Mario)

MARIO- (falsamente desenvolto para as moças que passam) Bom dia.

Elas respondem com a cabeça e passam por ele.

MOÇA 1- Passou seu namorado, Maria.

MARIA- Não caso com bombeado.

Ela olha para o Jovem Mário e sai. Moças 1 e 2 saem atrás dela, rindo e cochichando.

MARIO- Se eu insistisse em gostar de Maria... casar não casava mesmo, que a família dela não havia de me querer. Por causa do dinheiro.

JOVEM MA.-(sozinho no centro) Acho que vou comprar um bilhete de loteria...

Ele "abraça" os livros de mansinho, acaricia junto ao rosto, pousa a boca numa capa e beija o livro.

MARIO- Eu não sabia, hoje sei: era o segundo beijo que eu dava em Maria, o último, de despedida. Eu era um perdido mesmo.
(tempo) Frederico Paciência foi minha salvação.

Entram três rapazes suados e ruidosos e formam um grupo em torno do Jovem Mário, esperando que entre mais alguém.

Frederico Paciência entra em cena fazendo uma série de saltos mortais e cambalhotas entre os móveis, passando rente de Mário e Macunaima. Os amigos riem quando ele termina, brincam um pouco, se empurrando e disputando força, divertidos em proezas adolescentes. Vão se despedindo e saindo. O último a se despedir é Frederico, apertando a mão do Jovem Mário. Durante toda a ação, Mário fala, de seu lugar.

MARIO- Eu... invejava a perfeição moral e física de Frederico. Não, não era beleza, era vitória. Quis ser ele, ser dele, me confundir naquele esplendor e ficamos amigos.

Frederico está saindo.

JOVEM MA.- (com R inicial fraco) Rico... (Frederico se volta)

Você é... o meu "único" amigo.

Tempo. Os dois se olham. Frederico volta até Jovem Mário.

Música.

Tornam a se apertar as mãos, Frederico pousa a mão no ombro do Jovem Mário num carinho bruto de adolescente. Se olham.

JOVEM MA.-Você não vai pra casa já.

FRED.- Ara... estou com vontade de ir com você.

Caminham juntos pelo palco.

Macunaima faz um gesto e começa a anoitecer.

MARIO- E a vida dele mudou pra dentro da minha. Domingo, feriado, caminhadas enormes... o costume daqueles passeios longos depois da janta, no silêncio dos bairros...

FRED.- Eu vou ser médico.

JOVEM MA.-Pra isso tem que estudar no Rio.

FRED.- E.

JOVEM MA.-E a gente não vai se ver mais...

FRED.- (preocupado) Você vai comigo. Os dois médicos, pronto.

JOVEM MA.- (ri) Não sei, não. Não quero ser médico. E o que que eu vou fazer no Rio?

FRED.- Pode ser pintor. Já vive desenhando a caricatura dos padres.

Riem ambos e se olham, frente a frente.

A música termina.

MARIO- Um dia ele me pegou lendo um livro.

MACUNAIMA-(pegando o livro que estava no envelope) Este?

MARIO- E.

MACUNAIMA-(lendo o titulo) "História da Prostituição na Antiguidade".

000000000000!...

Macunaima sai correndo, gritando o seu "ô" de admiração sacana pela leitura e joga o livro no chão entre os dois jovens.

Retorna para o lado de Mário. Frederico pega o livro do chão.

FRED.- (lendo o titulo) "História da Prostituição na Antiguidade".

Você está lendo isso Mário?

JOVEM MA.-(hesita, depois diz firme) Estou.

Os dois folheiam o livro, as cabeças grudadas, corpos juntos.

FRED.- Tome cuidado com os padres.

JOVEM MA.-Ah, fica dentro da pasta, eles não vêem.

FRED.- E se examinarem as pastas...

JOVEM MA.-Pois se examinarem, acham!

FRED.- (rindo) Você é besta!...

JOVEM MA.-(ofendido) Besta é você!

FRED.- (joga o livro no chão) Você que é! Besta! Besta!

Os dois se olham, subitamente furiosos, prontos para partir um para cima do outro.

Subitamente o Jovem Mário avança o rosto e beija desajeitadamente o nariz de Frederico.

Frederico recua com um tranco. Se olham um tempo.

Frederico avança para o Jovem Mário e o abraça "com ansiedade, beija com amargura, na cara em cheio dolorosamente". Se afastam bruscamente, ofegantes, se encarando.

MARIO- (baixinho) Precisamos tomar mais cuidado.

MACUNAIMA-Quem falou isso?

MARIO- Não sei se fui eu se foi ele. A frase jorrou de nós.

Frederico e o Jovem Mário riem alto, rompendo o clima de sensualidade.

MACUNAIMA-Cá pra nós que ninguém nos ouça, você é bem senvergonha, parceiro!

MARIO- (gargalhada) E por que?

MACUNAIMA-O Mário, ô Mário! Caboclo de Taubaté, cavalo pangaré, de mulher que mija em pé (aponta Frederico), libera nós Dominé!

MARIO- (ri) Que nada! Estávamos nos desejando, mas decididos, fortíssimos, sadios, nos amando de amigo outra vez.

MACUNAIMA-Esse pedaço aí eu não gostei muito, não.

MARIO- Pois como que não?, se você diz que é eu.

MACUNAIMA-Péra aí, vamos com calma. Você é que é eu.

MARIO- Pois seja o que for, você que diz-que é até simbolo de brasileiro, não sabe o que é isso?

MACUNAIMA-(sem jeito) Bom...

MARIO- (ri dele) E!... E não faltaram as bocas de serpente que nem a sua.

Entra o mesmo grupo de jovens ruidosos, com livros, saindo da aula.

JOVEM 1- Vamos pro jogo, Rico?

FRED.- Hoje não posso.

JOVEM 2- Humm. Decerto vai passear com o "amiguinho" depois da janta.

Frederico salta sobre o menino, agarra o pescoço dele, lutam, mas Frederico não larga.

O bando de rapazes se agita, tentam arrancar Frederico de cima do outro, gritaria, confusão.

Entram dois padres e com grande esforço conseguem arrancar Frederico de cima do outro que fica no chão

PADRE- Que que é isso? Que que é isso?

FRED.- (arrastado pelos padres) Ele me ofendeu. Ele me ofendeu.

JOVEM 3- Ele está certo, padre. Tem razão de se ofender.

Saem todos. O Jovem Mário fica e senta-se no chão, recolhido e pensativo, riscando o chão com a unha.

MACUNAIMA-Esse pedaço eu já gostei mais. Bela briga!

MARIO- (ri) E tem mais!

Os jovens vão entrando, um a um e se sentando em torno do Jovem Mário.

JOVEM 1- Disseram até que ele tinha morrido.

JOVEM 3- Ficou mal.

JOVEM 1- Viu a cara dele, hoje?

JOVEM 3- Está bem ressabiado.

JOVEM 1- Pronto pra outra.

JOVEM MA.-E vai ter.

JOVEM 1- Cadê o Rico? Meu pai disse que podiam até prender ele.

JOVEM MA.-Está de castigo a semana inteira. Vai ter de ficar e escrever quinhentas vezes "Quem com ferro fere, com ferro será ferido". (risos) Hoje é comigo.

JOVEM 1- E. Eu já tinha ouvido dizer.

JOVEM 3- Olha ele aí.

Jovem 2 vai entrando, ressabiado. Jovem Mário se levanta valente.

JOVEM 2- Se se meter comigo, eu uso o canivete!

MACUNAIMA-(rindo) Me acudam, senão eu mato! (Mário ri junto)

O Jovem Mário não vacila. Avança direto para o Jovem 2 que fraqueja, recua em círculos, Jovem Mário enfrentando sempre.

JOVEM 2- Péra aí. Calma. O, foi brincadeira besta minha, eu reconheço. Não devia ter falado aquilo de você e do Rico, não.

Um soco nas fuças o interrompe. Temeroso e sem vontade, o Jovem 2 avança para o Jovem Mário que não arreda pé: dá outro soco.

MACUNAIMA-Ai!

Mário. O Jovem Mário lhe dá um safanão, ele
ls seguram o Jovem Mário. Jovem 2 foge

ico?

amos umas cartas, depois foram ficando mais
imagem dele foi se afastando, se afastando, até
e eu deixo aqui. (pega o envelope)

co de mala na mão, entram em cena.

é breve!

smo?

o!

ois amigos se abraçam, chorando e rindo um no
ai baixando devagar sobre os dois, enquanto

engasga na risada alegre da partida, enfim
partindo. Aquela sensação nitida de alívio.
ndo, vê uma garota e já está noutro mundo.

MARIO- Agora é que vem o mais esquisito de tudo! Foi espantoso o que se passou em mim.

MACUNAIMA-O que?

MARIO- Sem abandonar o meu jeito de "perdido", eu... principiei gostando de estudar.

MACUNAIMA-Ihh!

MARIO- Me bateu de repente aquela vontade irritada de saber, devorando bibliotecas. Todos principiaram maldando que eu era muito inteligente, mas perigoso.

MACUNAIMA-Só estudava.

MARIO- (tempo, sorriso nostálgico) Não. Tinha a Rose pra de-noite e uma linda namoradinha oficial, a Violeta. Meus amigos me chamavam de "jardineiro". (riem juntos)

MACUNAIMA-E a Maria?

MARIO- Maria? Parecia uma doida. Namorava com Deus e todo mundo. Aos vinte anos noivou tres meses com um rapaz bastante rico, desfez de repente, pra dias depois ficar noiva de um outro, diplomata, riquíssimo. Casou em duas semanas e partiu pra Europa com o marido chique.

MACUNAIMA-E você?

MARIO- Eu? Sorria do passado e devorava numa tarde um livro incompreensível de filosofia.

MACUNAIMA-E ela?

MARIO- Uns cinco anos depois, ela estava pra voltar pela primeira vez ao Brasil, a mãe dela...

Entram a Mãe de Maria e a Mãe de Mário, passeando entre os móveis, a Mãe de Maria reparando muito nas pilhas de livros.

Macunaima e Mário assistem.

MÃE DE MARIA- E o Mário, Maria Luisa? Continua estouvado?

MÃE DE MARIO- (suspira terna) Do mesmo jeito. Aquele ar de "perdido".

Mas mudou muito, sabe? Terminado o ginásio deu pra estudar por si mesmo e escreve versos que muita gente já considera, parece que resolveu ser alguém na vida.

Elas terminam o passeio na frente de Mário.

MÃE DE MARIA- (para Mário) Pois é, Maria gostou tanto de você, você não quis! ...agora ela vive longe de nós.

As duas se afastam e saem.

MACUNAIMA-Aí você percebeu que foi uma besta.

MARIO- E. Que Rose, que Violeta, nem nada! era Maria que eu amava como louco, sempre: oh! como eu vinha sofrendo a vida inteira...

MACUNAIMA-Aprendendo a vencer só de raiva, se impondo pro mundo por despique.

MARIO- E. Vingança de desesperado. Como é que pude imaginar que era feliz, sofrendo daquele jeito?

MACUNAIMA-E ela?

MARIO- Contavam que pintava o sete. Extravagâncias, aventuras. As portas do divórcio: Maria falada, Maria bêbada, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nua...

MACUNAIMA-Eta!

Macunaima faz um grande gesto.

Música.

Maria entra, vestida de preto e para no centro do espaço.

Mário sente a sua presença aos poucos, hesitando em se virar. Ele fecha os olhos, seu corpo "soluça todinho".

A música cresce, Mário se volta devagar, avança lentamente para Maria. Os dois se olham longamente, Maria "se deixa olhar, sorrindo leve, mãos unidas caindo na frente do corpo."

MARIA- Ao menos diga boa noite, Mário...

Mário nada diz. Continuam se fundindo no olhar.

Macunaima faz um gesto pequeno.

A luz vai lentamente se transformando numa penumbra azulada, milhares de estrelas projetadas sobre os móveis, sobre tudo, Maria isolada num único foco de luz.

Lentamente, sem tirar os olhos de Mário, à sua frente na penumbra do céu estrelado, Maria desce o vestido preto, revelando os seios. O vestido escorrega para o chão.

Nua, branca na luz ela sorri para Mário.

A penumbra azul e as estrelas vão se apagando.

Maria sai lentamente de seu foco para o escuro. E sai de cena.

Sem entrar na luz, Mário se ajoelha e olha amorosamente o vestido preto no chão, dentro do foco de luz.

MARIO- (num transe de paixão) Se eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda de preto vestida, fantasticamente mulher.

Tempo. A música cessa.

MACUNAIMA-(suspira) Ah, marvada!

Ele bate as mãos com ruído de palma e a luz volta ao normal.

Mário se levanta e volta para o lado de Macunaima.

MACUNAIMA-(suspira nostálgico) Qual, mano! Pois então você não é eu? Amor primeiro não tem companheiro, não! A tua Maria, Mário, é a minha Ci, mãe do mato.

Ele abre os braços, imenso.

E soa música e a luz verde transforma o cenário na mata do Uraricoera.

Macunaima vai ao encontro de Maanape e Jiguê, que entram sorrateiros, caminhando alerta, com cuidado, como quem anda no mato.

Macunaima caminha com eles e de repente se detém.

MACUNAIMA-Tem coisa. (e aponta à frente)

Acende-se o foco de Maria. Ela lá está, nua e triunfante.

Macunaima avança para ela. Ela o empurra de leve, mas ele é atirado longe e rola no chão.

MACUNAIMA-(levantando, contrariado) Ara!

Se atira em cima de Ci/Maria e os dois lutam.

Ci/Maria vai vencendo a luta.

MACUNAIMA-(gritando) Me acudam senão eu mato! me acudam senão eu mato!

Maanape e Jiguê acodem e seguram Ci/Maria. Ela se debate presa pelos dois homens.

Macunaima se levanta e vai chegando perto dela. Porém em vez de bater, braços afastados do corpo, ele encosta o ventre no ventre dela e beija de leve o seu pescoço. Ci/Maria se debate, Maanape e Jiguê não soltam. Macunaima abraça o corpo dela e a beija com suavidade.

Ci/Maria se debate, mas aos poucos vai cedendo, cedendo, até enlaçar o herói com a perna.

Maanape e Jiguê a soltam e saem.

Macunaima e Ci/Maria vão se deitando devagar e se amam na penumbra verde da mata do Uraricoera, em cima do vestido preto que Maria despiu.

Durante toda a ação, Mário declama, integrando as palavras à música, quase um recitativo, fazendo o fundo da ação.

MARIO- Macunaima, Maria,
 Viajando por essas terras
 Com os dois manos, encontrou
 Uma cunhã tão formosa
 Que era um pedaço de dia
 Na noite do mato-virgem.

Macunaima, Maria,
Não pode seguir, ficou.
Que que havia de fazer!
Amar não é desrespeito
Falou pra ela e ela se riu.
Então lhe subiu do peito
A escuriza da paixão.
Pegou nela, mas a moça,
Possuia essa grande força
Que é a força de querer bem:
Forceja que mais forceja,
Até deu nele! Não doeu.
Macunaima, Maria,
Era como eu brasileiro.
Pobre do Macunaima,
Não tem culpa de penar!
Foi brasileiro, amor veio,
Ele teve que hospedar.
Eu te amo, (que ele falava)
Maria... Vamos embora!
(que ele falava pra moça)
Eu quero você pra mim!

Ao terminar o texto, Macunaima e Ci/Maria terminam de "brincar",
deitados enlaçados um no outro no chão.

MACUNAIMA-Puxa! como você cheira, benzinho!

Ci/Maria se esfrega em Macunaima, vira-o de costas e monta em cima dele.

MACUNAIMA-Faz isso não, oferecida!

CI/MARIA- Faço!

MACUNAIMA-Deixa a gente dormir, meu bem...

CI/MARIA- Vamos brincar.

MACUNAIMA-Ai! que preguiça!...(e dorme)

CI/MARIA- Então, herói!

MACUNAIMA-Então o que?

CI/MARIA- Pois, meus pecados, a gente está brincando e vai você pára no meio!

MACUNAIMA-Ai! que preguiça...

Ci/Maria levanta-se e sai irritada. Macunaima fica dormindo.

MARIO- Bom. O coitado, Maria,
De tanta contrariedade,
Pôs reparo que é impossível
Se ser feliz neste mundo,
Em plena infelicidade...

Macunaima desperta e se espreguiça.

Ci/Maria entra com um bebê no colo. Macunaima olha embasbacado e se põe do lado dela, olhando a criança.

MARIO- Nem bem seis meses passaram e a Mãe do Mato pariu um filho encarnado.

MACUNAIMA-(pegando o bebê no colo) Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro.

Ci/Maria pega do chão o vestido preto de Maria e esfrega num carinho pelo próprio corpo.

Macunaíma vê, dá um grito de pavor, pousa no chão a criança e luta com Ci/Maria, tentando tirar dela o vestido preto.

MARIO- Então chegou a Cobra Preta e tanto que chupou o único peito vivo de Ci que não deixou nem o apoio.

Por isso essa moça dura,

De quem nós todos nascemos,

Tem o colo que nem de homem,

De achatado que ficou...

O curumim chupou o peito da mãe no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu.

O vestido cai em cima do bebê no chão.

Grande grito de Ci, que cai prostrada de dor.

Maanape e Jiguê entram com uma igaçaba esculpida em forma de jaboti, colocam dentro dela a criança.

Os manos Maanape e Jiguê levam ritualmente a igaçaba.

Ci, prostrada de dor, tira do colar uma grande pedra que entrega a Macunaíma.

Grande trovão, black-out.

No lugar onde estava Ci, uma estrela brilha intensamente e vai subindo até desaparecer lá em cima. Enquanto ela sobe as luzes vão subindo. Macunaima assiste à ascensão. Quando ela desaparece no alto, ele aponta o céu.

MACUNAIMA-E lá que Ci vive agora, toda enfeitada de luz, virada numa estrela.

Subitamente, ele despenca com um grito de dor. Soa o trovão.

E chora, com a cabeça no chão.

Compungido, Mário entra na luz verde que vai voltando ao normal.

Ampara Macunaima que chora em seu ombro.

MACUNAIMA-Qual, mano! Amor primeiro não tem companheiro, não!

(suspira e dá de ombros, se consolando depressa)

Ara! Mas pra que que eu estou contando isso pra você se você é que escreveu...

MARIO- E. Eu que escrevi...

MACUNAIMA-... se você é eu?

MARIO- Isso... ainda não sei, não.

MACUNAIMA-Pois como que não, uai! Pois não se lembra que no outro dia fui visitar o túmulo do piá e vi que nascera do corpo uma plantinha. Foi o guaraná. Com as frutinhas dessa planta é que a gente cura muita doença e se refresca durante o calorão. Que nem você, igualzinho.

MARIO- Igualzinho como, Macunaima?

MACUNAIMA-Igualzinho, igualzinho, não. Com o guaraná a gente come o filho meu, com o "Peru de Natal" você comeu foi o seu pai.

MARIO- (entre bravo e divertido) Mas onde já se viu dizer uma bobagem dessas!

MACUNAIMA-(indo até o envelope do último conto no chão) Não sou que estou dizendo, não. Tá aqui.

Ele bate o pé em cima do envelope. O envelope explode numa nuvem de fumaça, como no circo.

Mário se assusta.

Música, mudam as luzes.

Entram a Mãe, Tana, Tia Nhãnhã e Lourdes. Tana de branco, tia Nhãnhã e a Mãe de luto fechado, Lourdes de luto aliviado (preto e branco).

Macunaima, invisível para as mulheres, ajuda.

Dirigidas pela Mãe, as três retiram tudo de cima da mesa de partituras, estendem a toalha e, num entra e sai sem parada, trazem louças e talheres arrumando a mesa para a refeição.

Mário se levanta de sua cadeira, acendendo um cigarro, tirando o robe.

MARIO- Bom, no Natal quero comer peru.

As mulheres se entreolham.

Macunaima senta no centro da mesa arrumada, no lugar do peru, pernas cruzadas, assistindo a tudo divertido.

Tana sai, rindo e sacudindo a cabeça.

LOURDES- Mas... não faz nem cinco meses que papai morreu.

MARIO- E o que tem uma coisa a ver com a outra?

NHANHA- Não será falta de respeito?

MARIO- Chega de ceia reles aqui em casa. Todo ano a gente se empanturra de castanha, figo, passas, depois da Missa do Galo e vai pra cama. Este ano, não: quero comer peru.

NHANHA- Não se pode convidar ninguém por causa do luto.

MARIO- Mas quem falou de convidar ninguém! essa mania... Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo...

MÆE- Meu filho, não fale assim...

MARIO- Pois falo, pronto!

NHANHA- Respeite a família, Mário. Somos netos de bandeirantes!

MARIO- Que bem me importa!

MÆE- Filho!

LOURDES- Mário!

MARIO- E sempre assim: vem aniversário de alguém e só então se faz peru nesta casa. E esse despropósito de parentes invade a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. (abraça a Mãe e Lourdes, olhando para tia Nhãnhã)
E as minhas tres mães, aqui, tres dias antes já não sabem da vida senão trabalhar: doces, frios, empadinhas. Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia inda provam um naco de perna, vago, escuro...

As mulheres sorriem miúdo, enternecidas, sacudindo a cabeça.

Entra Carlos, o irmão barbudo.

CARLOS- E festa?

MARIO- Ainda não. Mas no Natal vamos comer peru.

CARLOS- E?

MARIO- E não se convida ninguém, é um peru pra nós, cinco pessoas. E com duas farofas: a seca, douradinha, com bastante manteiga e a gorda, pra rechear o papo, com ameixa preta, nozes e um cálice de xerez. E vamos tomar cerveja!

LOURDES- (ri, sacudindo a cabeça) E louco mesmo!...

A mesa está posta, as mulheres saem.

Macunaima continua no lugar do peru.

CARLOS- Lourdes tem razão, Mário, você é maluco mesmo! E capaz de andar a pé porque não tem 200 réis pro bonde e, no mesmo dia, gasta 600 mil réis em livro.

MARIO- E.

CARLOS- Mário! Você já está devendo os olhos da cara! Vai gastar no peru?

MARIO- Vou. Aqui em casa sempre nos faltou aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho, uma estação de águas, comprar geladeira. (tempo)
Mãe merece.

CARLOS- (olha Mário um tempo, entende) Merece, sim.

Música.

Entra Lourdes conduzindo o tabuleiro com o imenso peru assado, seguida de tia Nhãnhã e a Mãe com travessas de farofa e arroz.

Carlos sai brevemente e torna a entrar com duas garrafas de cerveja.

Depositam na mesa, desalojando Macunaima e todos se sentam, festivos. Rapidamente, a Mãe fatia o peito do peru e pega um prato para servir.

MARIO- Não senhora, corte inteiro! só eu como tudo isso!

CARLOS- E isso mesmo!

LOURDES- (alegre) Esganados!

MARIO- Eu que sirvo!

LOURDES- (ri) E louco mesmo!

CARLOS- Foi sempre mamãe que serviu nesta casa.

MARIO- Pois hoje sou eu.

Mário serve um prato imenso, exagerando nas fatias de peru.

MÃE- Se lembre dos seus manos, Mário!

MARIO- (entendendo para ela o prato) Mamãe, este é o da senhora!

Ela pega o prato e vai passar para Nhãnhã.

MARIO- Não! Não passe não!

Mário serve outro prato, enquanto a Mãe olha deslumbrada o prato sublime à sua frente.

A Mãe começa a chorar, tia Nhãnhã pousa a mão na dela e chora também. Lourdes, vendo as duas, começa a chorar também.

MÃE- Só falta seu pai...

MACUNAIMA-Tá solto! Vai começar a guerra entre os dois defuntos: o peru e o pai. (estala os dedos) Dá-lhe, herói!

Ele fica observando as mulheres a chorar, Mário e Carlos paralizados.

Mário, com outro prato na mão, olha para Macunaima e encolhe os ombros, sem saber o que fazer.

Macunaima vai até ele, cochicha em seu ouvido, sarrupia uma perna de peru e se afasta pra assistir, comendo.

MÃE- (chorando) Só falta seu pai...

MÁRIO- E mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... contente de ver nós todos reunidos em família.

Olha para Macunaima. De boca cheia, Macunaima pisca para Mário e faz sinal de positivo com o polegar.

Todos parecem se consolar com a justificativa "macunaimica", enxugam os olhos e começam a comer com gosto pantagruélico.

MÃE- (boca cheia) Vocês, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai.

NHANHA- (boca cheia) Um santo!

LOURDES- (boca cheia) Papai era muito bom!

CARLOS- (boca cheia, referindo-se mais ao peru que ao pai) Muito bom!

MACUNAIMA-Hoje é uma estrelinha no campo vasto do céu! Cá na terra o único morto é este peru de Natal. Muito bom mesmo! (e come).

Mário se levanta, beija a Mãe, vai até o piano. A família continua comendo e no decorrer da cena seguinte, vai se levantando, deixando a cena.

Mário toca piano. Macunaima a seu lado.

MACUNAIMA-E agora, herói?

MARIO- E agora... Rose!

MACUNAIMA-Que Rose, mané Rose, coisa nenhuma! O conto já acabou.

MARIO- (tocando ao piano, recita)

Minha casa...

Tudo caiado de novo!

E tão bom respirar!

E tão gostoso gostar da vida!...

A própria dor é uma felicidade!

Eu era feliz... Me dei um destino. E a melhor maneira de alcançar isso é ter, não a vaidade, mas a coragem de si mesmo. Me sinto bem dentro do meu destino e isso me basta. E sabe o resultado disso?

MACUNAIMA-Qual?

MARIO- E que a gente se torna feliz dentro da vida, m'ermão.

A família já saiu.

Tana entra vestida de branco, trazendo nas mãos um terno preto, camisa branca passadíssima, gravata marrom, meias e sapatos pretos, chapéu preto. Vem até Mário. Ele começa a se vestir, ajudado por ela. As roupas brancas, que ele vai despindo, Macunaima vai pegando e vestindo. Enquanto os dois se vestem, vão dizendo:

MACUNAIMA-Eu sempre gostei muito de viver. Vivo tudo.

falta pra certos moços é isso: gostarem de verdade da

ral da mocidade é crer e muitos moços não creem.

emos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso
gora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e
isso todo sacrificio é grandioso, é sublime.

dá felicidade.

amo o Brasil mais do que a França ou a Conchinchina,
no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil
isso e por ele tudo sacrifiquei.

ro língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a
ão dos mais fortes do que eu pra esse monstro mole e
isso ainda que é o Braisil.

nios nacionais não são de geração espontânea. Eles
a porque um amontoado de sacrificios humanos anteriores
preparou a altitude necessária de onde podem
rtinar e revelar uma nação.

e importa que a minha obra não fique?

ortante não é ficar, é viver.

ro.

na acabaram de se vestir:

unaima branco.

Tana) Fiz questão de não contar isso a ninguém, não
to, mas que fique com você. Tem momentos em que me toma

um tamanho medo, pavor mesmo da morte... Tenho apenas um medo vago, mas nitidissimo de que alguma coisa vai morrer.

TANA- (sorri, meio irônica, meio conivente) Se não sabe bem o que é, não tem importância... não se incomode...

MARIO- (faz um carinho no rosto dela) E com gente como você que se aprende a sentir e não com a inteligência e erudição livresca. Gente que conserva o espirito religioso da vida e faz tudo sublime num ritual esclarecido de religião.

Tana sai, sacudindo a cabeça e estalando a língua.

Mário e Macunaíma se olham, se abraçam e caminham juntos.

Macunaíma trepa na escrivadinha e vai subindo pela corda.

Mário, antes de sair, acena um adeus para Macunaíma, que continua subindo até sumir.

Mário põe o chapéu na cabeça e sai.

Música.

A luz vai baixando, enquanto se acende lentamente o grande ciclorama com a paisagem imensa do "skyline" de São Paulo de hoje.

A cortina transparente vai se fechando lentamente enquanto se ouve a voz de Mário gravada:

MARIO- Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade,
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro diabo,
Que o espirito será de Deus.
Adeus.

FIM